



Percepção da equipe de enfermagem sobre a função do enfermeiro no serviço de emergência

Perception of the nursing staff about the nurse's role in the emergency service

Percepción del personal de enfermería sobre el papel del enfermero en el servicio de emergencia

Mayckel da Silva Barreto^{1,2,3}, Elen Ferraz Teston¹, Jamilly Grava Miranda¹, Guilherme de Oliveira Arruda¹, Elizabeth Amancio de Souza da Silva Valsecchi¹, Sonia Silva Marcon¹

Objetivo: conhecer a percepção da equipe de enfermagem acerca da função do enfermeiro no serviço de emergência. **Métodos:** estudo descritivo, de abordagem qualitativa. Participaram 30 profissionais de enfermagem atuantes em uma unidade de Pronto Atendimento. Os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo, modalidade temática. **Resultados:** os entrevistados destacaram como funções dos enfermeiros o desenvolvimento das atividades gerenciais; a liderança e supervisão da equipe de enfermagem; e o cuidado prestado ao paciente gravemente enfermo. Sob a ótica dos técnicos em enfermagem, as atividades gerenciais recebem grande atenção dos enfermeiros, em detrimento da assistência direta aos pacientes. Contudo, para os enfermeiros, as funções gerenciais e a liderança e supervisão da equipe convergem para um cuidado de qualidade. **Conclusão:** a relevância do trabalho assistencial do enfermeiro nas situações emergenciais é percebida tanto por técnicos em enfermagem, quanto por enfermeiros. Porém, as percepções acerca da sua função como gerente ainda mostram-se conflitantes.

Descritores: Equipe de Enfermagem; Papel Profissional; Serviços Médicos de Emergência; Serviço Hospitalar de Emergência; Enfermagem em Emergência.

Objective: to know the perception of the nursing staff about the nurse's role in emergency service. **Methods:** descriptive study of a qualitative approach. 30 nursing professionals participated and were active in a unit of Emergency. The data were subjected to Content Analysis, thematic modality. **Results:** the interviewees highlighted as nurses functions, the development of management activities; the leadership and supervision of nursing staff; and the care provided to seriously ill patients. From the perspective of nursing technicians, management activities receive great attention from nurses, rather than direct patient care. However, for nurses, managerial functions and leadership and supervision of staff converge for quality care. **Conclusion:** the importance of care work of nurses in emergency situations is perceived both by nursing technicians and by nurses. However, perceptions of their role as a manager still show up conflicting.

Descriptors: Nursing, Team; Professional Role; Emergency Medical Services; Emergency Service, Hospital; Emergency Nursing.

Objetivo: conocer la percepción del personal de enfermería sobre el papel del enfermero en el servicio de emergencia. **Métodos:** estudio descriptivo, cualitativo. Participaron 30 profesionales de enfermería que trabajan en una unidad de Pronta Asistencia. Datos sometidos a análisis de contenido, modalidad temática. **Resultados:** encuestados destacaron como funciones de enfermeros el desarrollo de actividades de gestión; dirección y supervisión del personal de enfermería; y atención prestada a pacientes gravemente enfermos. Bajo la perspectiva de los técnicos de enfermería, actividades de gestión reciben gran atención por parte de enfermeros, en lugar de atención directa al paciente. Pero, para los enfermeros, las funciones de gestión, liderazgo y supervisión del personal convergen para atención de calidad. **Conclusión:** la importancia del trabajo de atención de enfermería en situaciones de emergencia es percibida tanto por técnicos de enfermería cuanto por enfermeros. Sin embargo, las percepciones acerca de su papel como entrenador aún aparecen en conflictos.

Descriptores: Grupo de Enfermería; Rol Profesional; Servicios Médicos de Urgencia; Servicio de Urgencia en Hospital; Enfermería de Urgencia.

¹Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, Brasil.

²Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari. Mandaguari, PR, Brasil.

³Faculdade Intermunicipal do Noroeste do Paraná. Loanda, PR, Brasil.

Autor correspondente: Mayckel da Silva Barreto

Rua Pioneiro Pompílio Custódio Valério, 343 A, CEP: 87035-620. Jardim Sumaré, Maringá, PR, Brasil. E-mail: mayckelbar@gmail.com

Introdução

Os serviços de urgência e emergência possuem peculiaridades e especificidades que tem sido objeto de estudos em diversas partes do mundo⁽¹⁻³⁾. Enfoque especial tem sido dado ao aumento da demanda e utilização deste nível de atenção à saúde, o que tem influenciado no surgimento de problemas relacionados à infraestrutura, organização do serviço, qualidade da assistência, quantidade e especificidade dos atendimentos realizados e sobrecarga da equipe de trabalho⁽¹⁾.

No Brasil, as unidades de emergência constituem porta de entrada para grande parte dos usuários no sistema público de saúde. Inclusive, atualmente percebe-se uma inversão no fluxo assistencial entre os serviços de saúde da atenção primária e os da alta complexidade⁽⁴⁾. Deste modo, o atendimento realizado no serviço de emergência envolve necessariamente a triagem e encaminhamento de uma parcela da demanda de pacientes para outros serviços de saúde, sobrecarregando a equipe profissional e desorganizando o atendimento no setor⁽⁵⁾.

É importante destacar que estas unidades constituem-se como local de trabalho desafiante para profissionais de saúde, em especial para os integrantes da equipe de enfermagem, que compõem a maior parte da força de trabalho no setor, pois além de conviverem com a superlotação, desorganização e burocracia administrativa, precisam atender uma demanda de casos de intensa gravidade e imprevisibilidade, o que desencadeia constante tensão⁽¹⁾.

Diante destes apontamentos, pressupõe-se que a assistência ao paciente realizada pela equipe de enfermagem, em particular pelo enfermeiro, seja influenciada diretamente pelas características atuais de atendimento no setor e também pelas diversas atividades desempenhadas⁽⁶⁻⁷⁾. Nos serviços de enfermagem, uma das principais funções do enfermeiro é a gerência, na qual está imbricada a atribuição da organização do trabalho e dos recursos humanos envolvidos⁽⁸⁾. Para tanto, o enfermeiro

lança mão do planejamento, do dimensionamento de pessoal, da educação continuada, da delegação de atividades, da supervisão da equipe, da avaliação do desempenho e dos recursos de natureza física, material e financeira⁽⁹⁾.

Nesse sentido, o enfermeiro é o principal responsável pela organização do processo de trabalho de sua equipe, principalmente em relação ao gerenciamento das ações de enfermagem voltadas à qualidade do cuidado. Vale salientar que todo processo de cuidado exige ações planejadas, estruturadas e contínuas, de forma a subsidiar o cuidado humanizado e resolutivo. Assim, o enfermeiro deve buscar meios para realizar o gerenciamento de enfermagem com foco nas necessidades do paciente, conciliando os objetivos da sua equipe e também da organização do processo de trabalho⁽⁹⁾.

Dessa forma, a atuação do enfermeiro no serviço de emergência envolve especificidades e articulações indispensáveis à gerência do cuidado, requer aprimoramento científico, manejo tecnológico e humanização extensiva aos familiares, com representação expressiva no processo de trabalho desse profissional, assumindo importância não só devido à complexidade e particularidades de ações no cuidar, mas, também, pelos recursos materiais e humanos mobilizados, além da necessidade de interface com outros setores do hospital e sistema local de saúde⁽¹⁰⁾.

A realização deste estudo se justifica pela importante atuação do enfermeiro no serviço de emergência e pela crescente necessidade de adequação do trabalho multidisciplinar e, em especial da enfermagem, nestes setores, sendo para tanto essencial o reconhecimento da função específica de cada profissional por parte dos membros da equipe⁽⁷⁾. No entanto, só foram encontrados estudos que avaliaram o papel do enfermeiro em situações emergenciais na perspectiva dos pacientes⁽¹¹⁻¹²⁾ e dos enfermeiros⁽¹³⁾, sem se considerar a percepção da equipe de enfermagem, como um todo. Desta forma, surge o seguinte questionamento: Qual a percepção da

equipe de enfermagem acerca da função do enfermeiro no serviço de emergência? Para respondê-la delineou-se como objetivo deste estudo: conhecer a percepção dos membros da equipe de enfermagem acerca da função do enfermeiro no serviço de emergência.

Método

Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa, realizado junto à equipe de enfermagem atuante no Pronto Atendimento de um hospital escola de médio porte, localizado na região Sul do Brasil.

O Hospital conta com 123 leitos e constitui referência em atendimento às urgências e emergências para a região Noroeste do Estado do Paraná. A média de atendimento diário é de 150 pacientes, sendo incrementada aos finais de semana. Para efeito de organização estrutural o Pronto Atendimento é dividido em cinco setores com um total de 36 leitos, sendo eles: sala de emergência (quatro leitos); unidade de cuidados semi-intensivos (quatro leitos); enfermaria de internamento/observação de adultos (dezoito leitos); quarto de internação/observação de adolescentes (dois leitos) e sala de observação pediátrica (oito leitos). A equipe de enfermagem lotada no setor, à época de coleta de dados, era composta por 70 profissionais, sendo 21 enfermeiros e 49 técnicos em enfermagem.

Destaca-se que no Pronto Atendimento os profissionais da equipe de enfermagem trabalham em esquema de rodízio mensal, de modo que eles atuam e conhecem a rotina de cada um dos setores que compõem esta unidade de atendimento. Assim, apesar de o foco deste estudo ser a atuação do enfermeiro na Sala de Emergência, todos os profissionais atuantes no Pronto Atendimento estavam aptos a participarem da investigação, já que conheciam as rotinas e a atuação do enfermeiro neste setor específico.

Os dados foram coletados entre os meses de abril e julho de 2013, por meio de entrevista individual, realizada em sala reservada, nas dependências do hospital, junto a 30 profissionais da equipe de

enfermagem, atuantes nos três turnos de trabalho (manhã, tarde e noite), selecionados por conveniência.

As entrevistas foram realizadas durante o período de trabalho dos participantes. As entrevistas foram gravadas em mídia digital, tiveram duração média de quinze minutos e foram transcritas na íntegra no mesmo dia, preferencialmente logo após o seu término. Elas ocorreram até o momento em que os dados começaram a se tornar repetitivos e o objetivo da pesquisa atingido.

O instrumento utilizado durante a entrevista foi um roteiro semiestruturado, constituído de duas partes: a primeira com questões referentes à caracterização do entrevistado (idade, estado civil, formação, tempo de atuação na enfermagem e no serviço em estudo) e a segunda com questões relacionadas à percepção acerca da função do enfermeiro no serviço de urgência e emergência (em sua opinião, qual a função do enfermeiro na sala de emergência? Quais atividades ele deve realizar? Quais não deve realizar?).

Para análise dos dados, o conteúdo das entrevistas transcritas foi submetido à análise de conteúdo, modalidade temática, seguindo-se as fases de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. Na pré-análise foram realizadas leituras das falas, com vistas a levantar os pontos relevantes para o objetivo do estudo. Na fase de exploração do material procedeu-se à codificação, processo pelo qual atribuiu-se códigos aos núcleos de sentido, que representaram o conteúdo expresso nas falas e que foram agregados em unidades. Na última fase foi realizada a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com o posterior reagrupamento em função de características comuns⁽¹⁴⁾.

O estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (Parecer nº 747/2010). Para a diferenciação dos sujeitos e preservação de sua identidade, foram utilizados os códigos: Enf. para o enfermeiro e Tec. para técnico

em enfermagem; seguido pelo número da ordem de realização da entrevista.

Resultados

Dentre os 30 profissionais entrevistados, sete eram enfermeiros e 23 técnicos em enfermagem, dos quais a maioria era do sexo feminino (25). A idade variou de 25 a 55 anos, com média de 40 anos. O tempo médio de formação era de 14 anos, sendo que 21 atuavam na profissão há mais de 10 anos.

A partir da análise de conteúdo emergiram três categorias que expressam a percepção da equipe de enfermagem com relação às funções do enfermeiro atuante em serviços de emergência, descritas a seguir:

Funções administrativas e gerenciais do enfermeiro

As falas dos entrevistados referiram-se em grande parte às funções gerenciais do enfermeiro. Particularmente os enfermeiros demonstraram reconhecer a importância da função gerencial e do equilíbrio desta com o cuidado direto, como forma de permitir a prestação contínua do cuidado ao paciente:

O enfermeiro deve prestar assistência direta ao paciente, mas também cuidar da organização e parte administrativa do serviço. Conciliar essas duas coisas é muito importante para planejar o cuidado e atender as necessidades dos pacientes (Enf. 02). O enfermeiro deve se envolver na assistência e também tem que fazer a parte administrativa, tem que ter um equilíbrio entre as duas. A partir do momento que ele faz a assistência ele também vai ver o que está sendo feito, o que pode melhorar e o que tem que fazer para isso (Enf. 07).

Entretanto, de modo particular alguns técnicos em enfermagem parecem não reconhecer a importância da função gerencial e administrativa desempenhada pelo enfermeiro para a continuidade do cuidado ao paciente nos serviços de emergência:

O enfermeiro está preocupado em arrumar ficha e ver se o paciente está cadastrado na central de leitos. Ele deveria estar verificando se a gente, como técnico de enfermagem, está precisando de ajuda para prestar o cuidado, o que é mais importante. E na verdade, o

cuidado constitui função dele (Tec. 07). Eles ficam apenas na parte burocrática, tem que pegar um livro e ficar escrevendo tudo o que o paciente tem, elas perdem horas naquilo para passar plantão (Tec. 15). Elas têm que fazer aquele livro, passar o plantão e a gente está precisando de ajuda e elas não podem largar porque tem que passar o plantão para outra enfermeira (Tec. 23).

Percebeu-se que os profissionais técnicos em enfermagem chamavam a atenção para o fato de o enfermeiro destinar pouca atenção à equipe em si e às suas necessidades no cuidado. Destacaram ainda, que o cuidado constitui função do enfermeiro, remetendo-se apenas à assistência direta, e que este profissional deveria ajudar a equipe na prestação do cuidado.

A liderança e supervisão da equipe como atribuição do enfermeiro

Nesta categoria observou-se que os discursos dos enfermeiros e técnicos de enfermagem foram convergentes ao enfatizarem que as atividades voltadas à liderança e supervisão da equipe, organização do atendimento e do setor e distribuição de tarefas a serem executadas pelos diferentes profissionais, devem ser exercidas pelo enfermeiro. As opiniões dos membros da equipe que convergem para a positividade da liderança e supervisão sinalizam que o cumprimento destas funções culminaria na organização do serviço e no norteamiento das ações, de modo a não permitir que a equipe desenvolva uma assistência desordenada ao paciente em risco. ...*A função do enfermeiro é a liderança, é comando, para organizar o serviço (Tec. 08). Ao enfermeiro compete à coordenação da equipe, delegar funções no momento do atendimento emergencial, para que todos trabalhem com um objetivo comum (Tec. 17). O enfermeiro precisa assumir seu papel de organizador e líder da assistência, se não distribuímos as funções, cada um faz o que quer. Assim, o serviço e o atendimento ao paciente não são bem feitos. Isso é muito ruim, ainda mais para um serviço de emergência onde a vida do paciente está em risco (Enf. 01).*

Contudo, a despeito das funções do enfermeiro atinentes à gerência, os entrevistados também referiram o envolvimento do enfermeiro no cuidado direto, como apresentado a seguir.

O cuidado direto ao paciente como atribuição do enfermeiro

Por meio das falas percebeu-se que neste setor, não somente a gestão da equipe é função do enfermeiro, mas também o cuidado direto ao paciente grave. Nesta perspectiva, alguns profissionais ressaltaram como atividade privativa do enfermeiro, nos setores emergenciais, cuidados específicos como, por exemplo, a execução de procedimentos invasivos: *Os procedimentos mais invasivos, por exemplo, a sondagem vesical é função do enfermeiro, assim como os outros de maior complexidade* (Tec. 20). *Sondagem nasoenteral deve ser exclusiva do enfermeiro, uma passagem de cateter vesical também* (Enf. 23).

Outros profissionais referiram que aos enfermeiros cabe privativamente a aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem, a qual foi compreendida como forma de prestação de cuidado, pois permite avaliação dos pacientes e o planejamento da assistência, alcançando a qualidade no atendimento: *O enfermeiro precisa prestar os cuidados diretos ao paciente, entre eles fazer prescrição de enfermagem, evolução, anamnese, exame físico, tudo isso compete ao enfermeiro. É função privativa dele e isso se consegue por meio de uma boa avaliação do caso* (Enf. 12). *O enfermeiro precisa cuidar diretamente do paciente grave, aplicar a SAE. Isso ajuda no cuidado e diferencia a sua prática da de outros profissionais* (Enf. 6). *O enfermeiro tem a função de avaliar minuciosamente o paciente, ele tem que ser capaz de identificar os problemas e as necessidades do paciente principalmente em um serviço de urgência e emergência, mas isso só é possível por meio da aplicação da SAE* (Tec. 11).

Percebeu-se na fala de Enf.6 que, além da importância da Sistematização da Assistência de Enfermagem para o cuidado propriamente dito, este instrumento, específico do enfermeiro, assinala uma diferença importante de sua atuação profissional em relação à dos demais membros da equipe de saúde.

De modo geral, as falas permitiram compreender como funções do enfermeiro nos serviços de emergência o desenvolvimento das atividades gerenciais, bem como a liderança e supervisão da equipe de enfermagem e o cuidado direto prestado ao

paciente gravemente enfermo, aspectos estes que são discutidos de forma articulada no presente trabalho.

Discussão

Os achados contribuem para que o enfermeiro reflita sobre sua prática assistencial e gerencial nos serviços de emergência de acordo com a percepção dos profissionais da equipe de enfermagem e assim, possa melhorar sua atuação em prol das necessidades do serviço, da equipe e dos pacientes.

Dentre as funções do enfermeiro de serviço de emergência evidenciadas nesta investigação, pode-se destacar que as mais recorrentemente apontadas foram as atividades gerenciais, a liderança e supervisão da equipe e a execução de atividades privativas, como os cuidados invasivos e o planejamento da assistência.

Especificamente em relação às atividades gerenciais houve divergência nas falas de enfermeiros e técnicos em enfermagem. Apesar de uma parcela dos técnicos atuantes no serviço já terem concluído o curso de graduação em enfermagem, verifica-se uma dificuldade implícita em reconhecer as atribuições do enfermeiro, sobretudo, aquelas atinentes à função administrativa deste profissional. Supostamente, esta dificuldade que parte do interior da própria equipe, resulta da distância existente entre o trabalho manual e o de gerenciamento do cuidado vivenciada pelo profissional técnico, principalmente, porque a demanda de trabalho no serviço de emergência em questão, deveras, sobrecarrega a equipe, o que pode gerar uma secundarização da função administrativa e o superdimensionamento da função assistencial direta.

Ademais, há que se considerar que existe a cisão histórica no trabalho da enfermagem entre gerenciar e cuidar, a qual permeia a profissão até a atualidade. Este dilema tem suas raízes na sistematização de conhecimentos da enfermagem, que desde sua concepção apresenta uma dissociação entre teoria e prática⁽¹⁵⁾.

Nesta perspectiva, as atividades administrati-

vas ou gerenciais seriam a organização do trabalho e dos recursos humanos em enfermagem, que utilizam meios e instrumentos de diversos saberes administrativos, materiais, equipamentos e instalações, além dos instrumentos técnicos da gerência, como: dimensionamento de pessoal, planejamento, educação continuada/permanente, supervisão, avaliação de desempenho, os quais são empregados com a finalidade de criar e implementar condições adequadas à produção do cuidado e de desempenho da equipe de enfermagem⁽¹⁶⁾.

Vale ressaltar ainda que o gerenciamento da assistência implica ter como foco as ações profissionais de cuidado propriamente dito, por exemplo, por meio da organização da equipe e distribuição de funções entre os diferentes profissionais, como observado no presente estudo. O enfermeiro gerencia o cuidado quando o planeja, o delega ou o faz, quando prevê e provê recursos, capacita a equipe de enfermagem e interage com outros profissionais, ocupando espaços de articulação e negociação em prol da consecução de melhorias do cuidado⁽⁸⁾. Portanto, como relatado por Enf. 02, não há possibilidade de cuidado se não houver uma correta coordenação do serviço assistencial e do serviço administrativo, as quais constituem funções do profissional enfermeiro.

Do mesmo modo, evidenciou-se no relato de Enf. 07 que ao exercer a função gerencial e administrativa o enfermeiro avalia o cuidado que está sendo prestado ao paciente e identifica o que ainda precisa melhorar ou ser realizado para que as necessidades específicas de cada indivíduo sejam atendidas. Deve-se reconhecer o cuidado como foco possível e necessário de ser gerenciado dentro das instituições em uma dimensão que extrapole o tecnicismo e incorpore o conhecimento e atitudes de ordem racional e sensível⁽¹⁵⁾.

Nesta perspectiva, o enfermeiro deve buscar novos instrumentos para a organização do trabalho, de modo a promover a melhoria da assistência de enfermagem, como por exemplo, sistematizar e otimizar a sua força de trabalho, bem como a da equipe

como um todo, com divisões equânimes de atividades. Portanto, nos serviços de urgência e emergência, o enfermeiro, além de participar diretamente da assistência, tem a atribuição de prover adequadamente a sua unidade, disponibilizar recursos materiais e humanos, propiciando organização de serviço que equilibre demanda e recursos necessários⁽¹⁾.

Além disso, administrar o tempo é uma competência essencial que deve ser desenvolvida pelos enfermeiros que atuam em serviços de emergência, pois os mesmos devem encontrar tempo para realizar ou coordenar os cuidados diários aos pacientes gravemente enfermos, resolver problemas de comunicação e relacionamento interpessoal dos funcionários, desenvolver ações administrativas exigidas pela instituição e ainda, terem tempo para os imprevistos⁽⁸⁻⁹⁾. Nesse sentido, nota-se a relevância de registrar os fatos ocorridos durante o período no livro de passagem de plantão, o que possibilita a organização do serviço e do setor e, principalmente, a continuidade na prestação dos cuidados aos pacientes. Apesar disto, foi observado nos depoimentos de alguns técnicos em enfermagem que para eles, a elaboração dos registros no livro de passagem de plantão é desnecessária.

O modo de registro da passagem de plantão utilizado pelos enfermeiros, neste serviço em específico, transmite aos membros da equipe a ideia de uma atividade burocrática e que toma tempo e atenção do enfermeiro, levando-o a relegar o papel de assistir diretamente os pacientes ou de fornecer auxílio à equipe de enfermagem nesta assistência. Vale salientar que na tentativa de assegurar a prestação dos cuidados, utiliza-se do procedimento passagem de plantão por ser uma atividade comunicativa e de rotina indispensável e inerente ao cotidiano de trabalho do enfermeiro, a qual permite organizar e planejar as intervenções de enfermagem.

Portanto, o registro escrito não representa unicamente uma exigência burocrática e institucional, mas principalmente, constitui recurso fundamental para a gestão da informação e continuidade do cuidado a ser prestado, assim como para avaliação do

mesmo⁽¹⁷⁾. Haja vista que, em meio ao ritmo acelerado do fluxo de pacientes e procedimentos, o registro facilita a retomada do estado atual do paciente, com ênfase nas intercorrências e nos procedimentos realizados no período e daqueles que deverão ser realizados nos turnos seguintes, o que pode inclusive contribuir para o direcionamento do trabalho da equipe de enfermagem de modo geral, e não apenas do enfermeiro.

Entretanto, no depoimento de Tec 07, por exemplo, evidencia-se a percepção negativa de que os serviços gerenciais e administrativos descaracterizam a função do enfermeiro. Contudo, acredita-se que esta percepção pode estar relacionada à visão ainda fragmentada entre gerenciar e cuidar diretamente do paciente, que são funções interligadas e que contribuem para a integralidade do cuidado.

Outra função evidenciada na presente investigação como atribuição do enfermeiro do serviço de emergência é a liderança e supervisão da equipe. A liderança seria então um papel construído pela figura do enfermeiro junto aos outros profissionais, mas que, segundo a equipe de enfermagem, acaba se tornando uma função esperada para o enfermeiro neste serviço. Desta forma, conforme encontrado nos relatos de Tec. 08 e Enf. 01, aponta-se que o papel de líder assumido pelo enfermeiro é essencial para a organização do serviço e assistência de qualidade. Nessa perspectiva, estudo de revisão integrativa acerca da liderança do enfermeiro em serviços de urgência e emergência aponta que a postura motivadora e encorajadora do enfermeiro e suas habilidades comunicacionais são os aspectos que mais influenciam positivamente os resultados da assistência⁽¹⁸⁾. Quando o enfermeiro exerce a função de líder na assistência está construindo espaço favorável para o desenvolvimento de suas atribuições básicas, tanto as administrativas, quanto as assistenciais e de ensino.

Em se tratando de liderança, os enfermeiros devem priorizar as questões de domínio pessoal, efetividade interpessoal, gestão financeira e

de recursos humanos. Ademais, as habilidades de gestão e liderança devem ser baseadas em conhecimentos sólidos e na experiência profissional de cada enfermeiro. Desta forma, as lideranças transformacional e relacional são necessárias para melhorar a satisfação da equipe de enfermagem e, por conseguinte a assistência aos usuários⁽¹⁹⁾. Esse trabalho é possível desde que haja uma visão adequada do que deve ser feito por cada um, mediante a divisão de tarefas entre os membros da equipe e atenção às responsabilidades individuais e coletivas.

Há que se destacar, no entanto, a ausência de menções ao trabalho educativo do enfermeiro junto à equipe na unidade emergencial. Embora, o papel de líder da equipe favoreça o desenvolvimento de práticas educativas, observou-se que estas atividades não foram comumente associadas à função do enfermeiro na assistência prestada nos setores de urgência e emergência. Isto talvez esteja relacionado ao fato de que atividades educativas desenvolvidas nesta instituição são pontuais e normalmente organizadas e conduzidas pelo serviço de educação continuada, o que pode substituir ou até mesmo inibir o enfermeiro no desempenho de sua função de educador da equipe.

Pode decorrer também do fato de que, uma parcela significativa dos técnicos em enfermagem participantes deste estudo é graduada (04 casos) ou está cursando enfermagem (03 casos), o que pode reforçar a concepção de que estes não necessitam ou que não percebem as iniciativas do enfermeiro voltadas ao processo de ensino-aprendizagem da equipe. Salienta-se ainda que o trabalho em pronto atendimento público, marcado por altas demandas urgentes e emergentes, sobrecarga de trabalho, superlotação, recursos humanos e materiais insuficientes e qualidade comprometida das relações interpessoais, interferir negativamente no processo de trabalho da equipe, gera percalços no desenvolvimento da função do enfermeiro e dos papéis a ele atribuídos, inclusive o papel formativo junto à equipe de enfermagem e até como preceptor

de estudantes de graduação e residentes.

Outra função do enfermeiro apontada pela equipe foi à execução de atividades privativas como os procedimentos invasivos e mais complexos, bem como a utilização da Sistematização da Assistência de Enfermagem para guiar a assistência. A realização concomitante de cuidados complexos por enfermeiros e técnicos em enfermagem a pacientes graves e a banalização da Sistematização da Assistência de Enfermagem podem reforçar a falta de reconhecimento do profissional enfermeiro dentro da equipe. Embora as funções do enfermeiro no serviço de emergência sejam teoricamente bem definidas, estudo realizado junto a 23 enfermeiros de um serviço de emergência hospitalar, aponta que déficits nas condições de trabalho e a própria característica fragmentada da assistência de enfermagem, provocam desmotivação, insegurança e baixo rendimento da equipe, impondo-se assim barreiras para a implementação e o reconhecimento das funções esperadas do enfermeiro⁽¹³⁾.

Para que o enfermeiro possa realmente construir sua identidade no campo da assistência e desmistificar conceitos e posturas como os de submissão à classe médica, é preciso, sobretudo, que se abandone o uso de intervenções ao acaso, sem planejamento, justificativa científica e reflexão. Nesta perspectiva, conforme evidenciado por Tec. 11, a utilização da Sistematização da Assistência de Enfermagem permite ao enfermeiro detectar as necessidades e prioridades de cada paciente, fornecendo assim, uma direção para as possíveis intervenções. A incorporação da Sistematização da Assistência de Enfermagem à dinâmica de trabalho do enfermeiro implica na tomada de decisões rápidas, avaliação de risco, estabelecimento de prioridades e atendimento ao paciente de forma integral, o que evidencia a importância do cuidado diferencial realizado pelo enfermeiro durante a assistência⁽²⁰⁾.

Considerações Finais

Os resultados do estudo evidenciaram que a equipe de enfermagem atuante em um serviço de emergência percebe como funções dos enfermeiros o desenvolvimento de atividades administrativas e gerenciais, bem como a liderança e supervisão da equipe de enfermagem e a prestação do cuidado direto ao paciente gravemente enfermo. Contudo, é necessário reforçar-se a necessidade dos técnicos em enfermagem não dissociarem a função gerencial do enfermeiro do cuidado propriamente dito, já que a primeira constitui quesito fundamental para o planejamento e execução da segunda.

No que se refere ao papel de líder, entendido como função do enfermeiro segundo os entrevistados, os técnicos apontam que o enfermeiro organiza o serviço em prol de um objetivo comum na assistência. Além disso, a função assistencial do enfermeiro se mostra de grande valor para a equipe, sobretudo, quando utiliza a Sistematização da Assistência de Enfermagem.

Conclui-se que o objeto do trabalho do enfermeiro, caracterizado pelo cuidado e atendimento às necessidades dos usuários do serviço, apresenta-se claramente e perpassa de forma comum as falas dos entrevistados. No entanto, os papéis do enfermeiro no processo de trabalho, cuja meta é o cuidado prestado, ainda são conflitantes, sob a ótica da equipe de enfermagem.

Colaborações

Barreto MS, Teston EF, Miranda JG e Arruda GO contribuíram para concepção do trabalho, organização, análise e interpretação dos dados, redação do artigo e aprovação final da versão a ser publicada. Valsecchi EASS e Marcon SS contribuíram para concepção e orientação do trabalho, revisão crítica e aprovação final da versão a ser publicada.

Referências

1. Coelho MF, Chaves LDP, Anselmi ML, Hayashida M, Santos CB. Analysis of the Organizational Aspects of a Clinical Emergency Department: A Study in a General Hospital in Ribeirao Preto, SP, Brazil. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2010; 18(4):770-7.
2. Nugus P, Holdgate A, Fry M, Forero R, McCarthy S, Braithwaite J. Work Pressure and Patient Flow Management in the Emergency Department: Findings From an Ethnographic Study. *Academic Emerg Med*. 2011; 18(10):1045-52.
3. McHale P, Wood S, Hughes K, Bellis MA, Demnitz U, Wyke S. Who uses emergency departments inappropriately and when - a national cross-sectional study using a monitoring data system. *BMC Med*. 2013; 11(258):1-9.
4. Jorge VC, Barreto MS, Ferrer ALM, Santos EAQ, Rickli HC, Marcon SS. Equipe de enfermagem e detecção de indicadores de agravamento em pacientes de pronto-socorro. *Esc Anna Nery*. 2012; 16(4):767-74.
5. Souza MF, Figueiredo LA, Pinto IC. Análise da utilização do serviço de pronto-socorro na percepção do usuário. *Cienc Cuid Saúde*. 2010; 9(1):13-20.
6. Silva LG, Matsuda LM, Waidman MAP. The structure of a public emergency care service, from the workers' view: perspectives on quality. *Texto Contexto Enferm*. 2012; 21(2):320-8.
7. Silva, AP, Munari DB, Brasil VV, Chaves LDP, Bezerra ALQ, Ribeiro LCM. Trabalho em equipe de enfermagem em unidade de urgência e Emergência na perspectiva de Kurt Lewin. *Cienc Cuid Saúde*. 2012; 11(3):549-56.
8. Zambiasi BRB, Costa AM. Gerenciamento de enfermagem em unidade de emergência: dificuldades e desafios. *Rev Adm Saúde*. 2013; 15(61): 169-76.
9. Sa MC, Azevedo CS. Subjetividade e gestão: explorando as articulações psicossociais no trabalho gerencial e no trabalho em saúde. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2010;15(5):2345-54.
10. Mônica FC, Lucieli DPC, Maria LA, Miyeko H, Claudia BS. Analysis of the organizational aspects of a clinical emergency department: a study in a general hospital in Ribeirao Preto, SP, Brazil. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2010; 18(4):13-9.
11. Hoskins R. Evaluating new roles within emergency care: a literature review. *Int Emerg Nurs*. 2011; 19(3):125-40.
12. Considine J, Lucas E, Payne R, Kropman, Stergiou HE, Chiu H. Analysis of three advanced practice roles in emergency nursing. *Australas Emerg Nurs J*. 2012; 15(4):219-28.
13. Furtado BMASMF, Araújo Júnior JLC. Perception of nurses on working conditions in the emergency area of a hospital. *Acta Paul Enferm*. 2010; 23(2):169-74.
14. Bardin, L. Análise de conteúdo. 20ª ed. Lisboa: Edições 70; 2011.
15. Montezelli JH, Peres AM, Bernardino E. Demandas institucionais e de cuidado no gerenciamento de enfermeiros em um pronto socorro. *Rev Bras Enferm*. 2011; 64(2):348-54.
16. Santos JLG, Lima MADS. Gerenciamento do cuidado: ações dos enfermeiros em um serviço hospitalar de emergência. *Rev Gaúcha Enferm*. 2011; 32(4):695-702.
17. Penaforte MHO, Martins MMFPS. The visibility of hygiene self-care in nurse-to-nurse shift change reports. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2011; 19(1):131-9.
18. Silva DS, Bernardes A, Gabriel CS, Rocha FLR, Caldana G. A liderança do enfermeiro no contexto dos serviços de urgência e emergência. *Rev Eletr Enferm [periódico na Internet]*. 2014 [citado 2015 out 10]; 16(1):211-9. Disponível em: https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v16/n1/pdf/v16n1a24.pdf
19. Soto-Fuentes P, Grandón KR, Santana DM, Yáñez OJ. Competencias para la enfermera/o en el ámbito de gestión y administración: desafíos actuales de la profesión. *Aquichan*. 2014; 14(1):79-99.
20. Azevedo ALCS, Ana Paula Pereira AP, Lemos C, Coelho MF, Chaves LDP. Organização de serviços de emergência hospitalar: uma revisão integrativa de pesquisas. *Rev Eletr Enf [periódico na Internet]*. 2010 [citado 2015 jun. 12]; 12(4):736-45. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n4/v12n4a20.htm>.